

## A origem do presépio

Reza a tradição franciscana que, no Natal de 1223, estando São Francisco de Assis em Greccio, quis ajudar a celebrar a Missa do Galo em uma gruta dos arredores da cidade, posta à disposição dos irmãos franciscanos por um amigo do Santo. Por sua determinação, foi organizada no local uma reprodução das condições em que nasceu Jesus, com a manjedoura, o burro e o boi. Os moradores dos arredores acorreram em grande número, com tantas velas e lanternas, que o bosque ficou iluminado como se fosse dia.

Durante a missa, o amigo, ao olhar para a manjedoura, viu, deitada nela, uma criança adormecida. Francisco, então, pegou-a delicadamente no colo. Ela acordou, sorriu e brincou com sua barba, exatamente como se Jesus menino estivesse no colo do santo. Para o amigo de São Francisco, foi como se Jesus, que até então estivera adormecido no coração dos homens, houvesse acordado com as palavras e atos do santo de Assis.

Mais tarde, Francisco falou ao povo sobre o nascimento de Cristo e o significado do Natal com tal calor, que todos se encheram de grande alegria. No ano seguinte, os habitantes de Greccio contavam com tanta admiração as maravilhas dessa bela Noite de Natal, que por toda parte se passou a reconstituir nas grutas e estábulos a cena tocante do Nascimento de Jesus.

É por isso que, se nos países do norte da Europa o símbolo do Natal é o pinheiro coberto de neve e decorado com objetos coloridos, no sul, onde impera a tradição latina, o verdadeiro símbolo do Natal é o Presépio ou Presepe, a representação da cena do nascimento de Jesus inventada por São Francisco de Assis.

Também na tradição natalina brasileira, filha direta da portuguesa, o Presépio é presença indispensável em todas as casas onde se celebra o Nascimento de Cristo. Não é de se admirar, então, que dois dos maiores artistas brasileiros do século XX, o poeta Manuel Bandeira e o pintor Cândido Portinari, tenham esse tema presente de maneira marcante em suas produções.

Para comemorar o Natal de 2006, oferecemos aos nossos amigos uma pequena mostra da arte de natal desses dois grandes artistas.



São Francisco – 1962.  
Pintura a guache/papelão - 23 x 24cm.  
Rio de Janeiro, RJ.

O Natal em  
Manuel Bandeira  
e  
Cândido Portinari

## Natal

Penso em Natal. No teu Natal. Para a bondade  
A minh'alma se volta. Uma grande saudade  
Cresce em todo o meu ser magoado pela ausência.  
Tudo é saudade... A voz dos sinos... A cadência  
Do rio... E esta saudade é boa como um sonho!  
E esta saudade é um sonho... Evoco-te... Componho  
O ambiente cuja luz os teus cabelos douram.  
Figuro os olhos teus, tristes como eles foram  
No momento final de nossa despedida...  
O teu busto pendeu como um lírio sem vida,  
E tu sonhas, na paz divina do Natal...

Ó minha amiga, aceita a carícia filial  
De minh'alma a teus pés humilhada de rastos.  
Seca o pranto feliz sobre os meus olhos castos...  
Ampara a minha frente, e que a minha ternura  
Se torne insexual, mais do que humana – pura  
Como aquela fervente e benfazeja luz  
Que Madalena viu nos olhos de Jesus...

Clavadel, 1913



Sagrada Família.  
Painel a óleo/tela - 137 x 158cm.  
Brodowski, SP.

## O Natal em Manuel Bandeira e Candido Portinari

### Versos de Natal

Espelho, amigo verdadeiro,  
Tu refletes as minhas rugas,  
Os meus cabelos brancos,  
Os meus olhos míopes e cansados.  
Espelho, amigo verdadeiro,  
Mestre do realismo exato e minucioso,  
Obrigado, obrigado!

Mas se fosses mágico,  
Penetrarias até ao fundo desse homem triste,  
Descobririas o menino que sustenta esse homem,  
O menino que não quer morrer,  
Que não morrerá senão comigo.  
O menino que todos os anos na véspera de Natal  
Pensa ainda em por os seus chinelinhos atrás da porta.

# O Natal em Manuel Bandeira e Candido Portinari

## Natal sem Sinos

No pátio a noite é sem silêncio.  
E que é a noite sem o silêncio?  
A noite é sem silêncio e no entanto onde os sinos  
De meu Natal sem sinos?

Ah meninos sinos  
De quando eu menino!

Sinos da Boa Vista e de Santo Antônio.  
Sinos do Poço, de Monteiro e da igreja de Boa Viagem.

Outros sinos  
Sinos  
Quantos sinos!



Presépio – 1958.  
Desenho a grafite/papel - 21,5 x 19,5cm.  
Rio de Janeiro, RJ.  
Inscrições: “Jesus novo Deus nasceu em  
Bethleem de uma flor. Seu amor a criança  
floresceu. Um dia por nós a vida cedeu de  
AMOR. Seja dia de festa ao menino Jesus  
que reviveu” e “Natal 958”.

No noturno pátio  
Sem silêncio, ó sinos  
De quando eu era menino,  
Bimbalhai meninos,  
Pelos sinos (sinos  
Que não ouço), os sinos  
De Santa Luzia.

Rio, 1952.

## Canto de Natal

O nosso menino  
Nasceu em Belém.  
Nasceu tão somente  
Para querer bem.

Nasceu sobre as palhas  
O nosso menino.  
Mas a mãe sabia  
Que ele era divino.

Vem para sofrer  
A morte na cruz,  
O nosso menino.  
Seu nome é Jesus.

Por nós ele aceita  
O humano destino:  
Louvemos a glória  
De Jesus menino.

# O Natal em Manuel Bandeira e Cândido Portinari



Presépio – 1931.  
Desenho, aquarela, nanquim,  
bico-de-pena/papel - 36,4 x 56,7cm.  
Rio de Janeiro, RJ.

## Presepe

Chorava o menino.

Para a mãe coitada,  
Jesus pequenito,  
De qualquer maneira  
(Mães o sabem...), era  
Das entranhas dela  
O fruto bendito.  
José, seu marido,  
Ah esse aceitava,  
Carpinteiro simples,  
O que Deus mandava.  
Conhecia o filho  
A que vinha neste  
Mundo tão bonito,  
Tão mal habitado?  
Não que ele temesse  
O humano flagício:  
O fel e o vinagre,  
Escárnios, açoites,  
O lenho nos ombros,  
A lança na ilharga,  
A morte na cruz.  
Mais do que tudo isso  
O amedrontaria  
A dor de ser homem,  
O horror de ser homem,  
— Esse bicho estranho  
Que desarrazoa  
Muito presumido  
De sua razão;  
— Esse bicho estranho  
Que se agita em vão;  
Que tudo deseja  
Sabendo que tudo  
É o mesmo que nada;  
— Esse bicho estranho  
Que tortura os que ama;  
Que até mata, estúpido,  
Ao seu semelhante  
No ilusivo intento  
De fazer o bem!  
Os anjos cantavam  
Que o menino viera  
Para redimir  
O homem – essa absurda  
Imagem de Deus!  
Mas o jumentinho,  
Tão manso e calado  
Naquele inefável,  
Divino momento,  
Esse bem sabia  
Que inútil seria

Todo o sofrimento  
No Sinédrio, no horto,  
Nos cravos da cruz;  
Que inútil seria  
O fel e o vinagre  
Do bestial flagício;  
Ele bem sabia  
Que seria inútil  
O maior milagre;  
Que inútil seria  
Todo sacrifício...

O Natal em  
Manuel Bandeira  
e  
Candido Portinari



Sagrada Família - 1941.  
Desenho a aquarela e grafite/papel  
17 x 18cm - Brodowski, SP.

## Alegrias de Nossa Senhora

(Texto de oratório extraído do poema de uma monja carmelita)

I

**Recitante**

O Anjo traz a mensagem,  
Prostra-se perante a Virgem e anuncia:

**Anjo**

O Filho de Deus quer ser teu filho Maria;  
Porque és cheia de graça e bendita entre as mulheres.

**Recitante**

A donzela, em sua humildade, torna-se grande;  
Eleva-se acima da condição humana;  
Atinge os confins da divindade.  
Ó Virgem, que vais responder?  
Maria cruza as mãos sobre o peito,  
Inclina-se reverente:

**Maria**

Sou a escrava do Senhor:  
Faça-se em mim segundo a sua palavra.

**Coro**

Ó santas alegrias, castíssimas delícias  
Da maternidade virginal!  
Maria já é mãe de Deus.  
O filho é o mesmo Verbo Divino  
Eternamente gerado pelo Pai.  
Feliz a Virgem Maria, cujo seio contém o próprio Deus!

II

**Recitante**

Caminha a Virgem pelas montanhas de Judá.  
Tudo respira serenidade,  
O cabrito montês brinca nos cimos mais altos.  
Maria vai visitar Isabel.  
Isabel, ao ouvir a saudação de Maria, exclama, cheia do  
Espírito Santo:

**Isabel**

Bendita tu entre as mulheres  
E bendito o fruto de teu ventre!

**Recitante**

O menino salta no ventre da mãe e Maria canta:

**Maria**

Minh'alma engrandece ao Senhor.  
Meu espírito se alegra em Deus meu Salvador  
Porque atentou na baixeza de sua serva.  
Desde agora todas as gerações me chamarão bem-  
aventurada.  
Grandes coisas me fez o Poderoso,  
Grandes coisas faz o Poderoso:  
Depõe dos tronos os soberbos  
E eleva os humildes;  
Enche de bens os famintos  
E despede vazios os ricos.  
Santo é o seu nome.

**Coro**

Aleluia! Aleluia! Aleluia!

**III**  
**Recitante**

Noite feliz!  
Começa em Belém a Missa da vida de Jesus.  
Chegam os magos do Oriente, com as suas dádivas:  
Ouro, incenso, mirra.  
Pastores acorrem com as suas cornamusas, gaitas, flautas.

**Coro de pastores**

Glória a deus nas alturas!  
A Virgem-Mãe vela o seu menino.  
Todo o que nele crer, não perecerá;  
Todo o que nele crer, terá a vida eterna.  
Glória a Deus nas alturas!

**IV**  
**Recitante**

Crescia o menino e se fortalecia em espírito e sabedoria.  
E a graça de Deus estava sobre ele,  
Ora, todos os anos ia a Santa Família a Jerusalém, à festa da Páscoa.  
De uma feita ficou o menino na cidade e não o souberam os pais.  
Ao cabo de três dias o acharam no templo, sentado entre os doutores,  
Que o ouviam, admirados de suas respostas.  
Disse-lhe então Maria:

**Maria**

Filho, por que fizeste assim para conosco?  
Teu pai e eu te buscávamos, ansiosos.

**Recitante**

Ao que Jesus responde:

**Jesus (menino de doze anos)**

Por que me buscáveis?  
Não sabeis que me convém tratar das coisas do Pai?

**Recitante**

E Maria:

**Maria**

Achei aquele a quem minh'alma adora.  
Recobrei-o e não o deixarei mais perder.  
Meu espírito se alegra em meu Filho e Salvador.

**Coro**

Santo! Santo! Santo!

**V**  
**Recitante**

A Hóstia Divina foi imolada no Calvário.  
Ao terceiro dia foram as santas mulheres ao Sepulcro.  
Estava a pedra removida e não acharam o corpo do Senhor Jesus.  
Então os dois varões de vestes resplandecentes falaram:

**Os dois varões**

Por que buscais o vivente entre os mortos?  
Não está aqui, já ressuscitou.  
Lembrai-vos do que vos disse em Galiléia:  
“Convém que o Filho do homem seja entregue nas mãos dos homens pecadores,  
“E seja crucificado,  
“E ao terceiro dia ressuscite.”

**Coro**

Morte, onde está tua vitória?  
Pela primeira vez foste vencida.  
Maria, Mãe de Deus, alegra-te!  
Teu filho ressurgiu, divino.  
Hosana! Hosana! Hosana!



A Fuga para o Egito – 1955.  
Pintura a óleo/tela – 61 x 50cm.  
Rio de Janeiro, RJ.

O Natal em  
Manuel Bandeira  
e Candido Portinari

O Natal em  
Manuel Bandeira  
e  
Candido Portinari



Arconjo - 1944.  
Desenho a grafite, crayon e lápis de  
cor/papel - 26,5 x 14,5cm.  
Petrópolis, RJ.

## A Anunciação

Seis meses passados sobre  
A Angélica anunciação  
Do nascimento de João,  
Santo filho de Isabel,  
Baixou o arcanjo Gabriel  
À Galiléia e na casa  
Do carpinteiro José  
Entrou diante da Virgem  
Desposada com o varão  
— Maria ela se chamava —  
Curvou-se em genuflexão,  
Dizendo com voz suave  
Mais que a aura da manhã: “Ave,  
Maria cheia de graça!  
Nosso Senhor é contigo,  
Tu bendita entre as mulheres.”  
E ela, vendo-o assim, turbou-se  
Muito de suas palavras.  
Mas o anjo, tranquilizando-a,  
Falou: “Maria, não temas:  
Deus escolheu-te, a mais pura  
Entre todas as mulheres,  
Para um filho conceberes  
No teu ventre e, dado à luz,  
O chamarás de Jesus:  
O santo Deus fá-lo-á grande,  
Dar-lhe-á o trono de Davi,  
Seu reino não terá fim.”  
E disse Maria ao anjo:  
“Como pode ser assim,  
Se não conheço varão?”  
E, respondendo, o anjo disse-lhe:  
“Descerá sobre ti o Espírito  
Santo e a virtude do Altíssimo  
Te cobrirá com sua sombra;  
Pelo que também o Santo  
Que de ti há de nascer,  
Filho de Deus terá nome,  
Com ser filho de mulher.  
Pois tua prima Isabel  
Não concebeu na velhice,  
Sendo estéril? A deus nada  
É impossível.” O anjo disse  
E afastou-se de Maria.  
Como no extremo horizonte  
A primeira desmaiada  
Celagem da madrugada  
Duas rosas transluziram  
Nas faces da Virgem pura:  
Já era Jesus no seu sangue,  
Antes de, infinito Espírito  
Mudado em corpo finito,  
Se fixar em forma humana  
Na matriz santificada.

# Quatro Poemas de Natal

*Tradução de Manuel Bandeira*

I

(Rafael de la Fuente)

Teus olhos  
Juntam as mãos  
Como as madonas  
De Leonardo.

Os bosques do ocaso,  
As frondes amoradas  
De um Renascimento sombrio.

O rebanho do mar  
Bale para a gruta  
Do céu cheio de anjos.

Deus encarna-se  
Num menino que busca os brinquedos  
De tuas mãos.

Teus lábios  
Dão o calor que negam  
A vaca e o burro.

E na penumbra  
Tua cabeleira afofa as suas palhas  
Para o Deus menino.

II

(González Carballo)

Cristo, o Cristo menino,  
Pisa com pé desnudo,  
A rosa proibida,

Pisa o áspero cravo.  
Para Jesus menino  
Nardo é o espinho agudo.

Alvas vermelhas, céus  
De algum entardecer  
Teus destinos anunciaram  
Sangrento, Emanuel.

Em lágrimas o advertiam  
A Virgem e José.

Tu nada mais olhavas:  
O pássaro caindo,  
A nuvem fatigada,  
A estrela de Israel.



Natividade – 1960.  
Pintura a óleo/madeira - 80 x 100cm.  
Rio de Janeiro, RJ.

O Natal em

Manuel Bandeira

e Candido Portinari

e



III  
(Victor Londoño)

Desceu sobre os homens a doce paz das alturas,  
E num estábulo, berço de pobreza e dor,  
Após toda uma noite de maternas torturas  
Jesus caiu na terra, débil como uma flor.

A música das coisas alegrou as obscuras  
Abóbadas do presepe, e num hino de amor  
Adoraram o menino as humildes criaturas:  
Um burro com seu bafo, com sua flauta um pastor.

Depois os adivinhos de comarcas remotas  
Ofertaram mirra, e em suas línguas ignotas  
Ao pequeno chamaram Príncipe de Salém.

E enquanto no Levante, com revérbos vagos,  
Suavemente brilhava a estrela dos Reis Magos,  
Os cordeiros olhavam para Jerusalém.

IV  
(Pablo Rojas Guardia)

A Estrela-d'Alva cintila,  
São Nicolau vai chegar!

Me leva, minha mãe, me leva a Galipán!

Mãe, a lua de tão tonta,  
Passa roçando a montanha  
E não para a descansar!

Me leva, minha mãe, me leva a Galipán!

Eu quero colher no campo  
A erva listrada de prata,  
A erva que de madrugada  
Estava toda verdinha.

Me leva, minha mãe, me leva a Galipán!

É verdade que esta noite  
Se às estrelas erradas  
Eu pedir o que desejo,  
O céu me concederá?  
Dize-me, mãe, se é verdade,  
Olha que eu quero pedir-lhes  
Que tua máquina pare  
E que tu não cosas mais.

Me leva, minha mãe, me leva a Galipán!

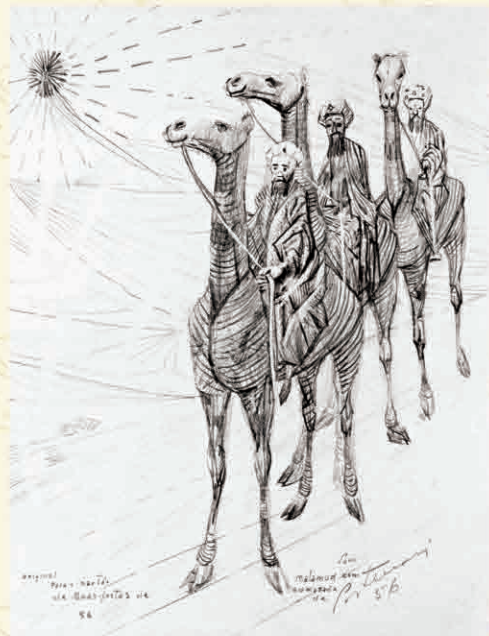
Iremos colher os pêssegos  
Saborosos, os morangos  
Vermelhos para comê-los  
Com leite fresco...  
Me leva, minha mãe, me leva a Galipán!

Partamos, mãe, sem demora.  
Eu quero ser o primeiro  
Para ver como lá chegam  
Os Três Magos a Belém.

Me leva, minha mãe, me leva a Galipán!

Que formoso o meu Natal!  
Pêssegos grandes,  
Erva de prata,  
Moranguinhos vermelhos  
Com leite fresco...  
Encontrarei nos sapatos  
O presente que ao céu peço:  
Minha mãe não cosa mais!

Mãe, ainda que não queiras,  
Irei hoje a Galipán!



Os Três Reis Magos – 1956.  
Desenho a grafite/papel – 25,5 x 19,5cm  
Rio de Janeiro, RJ.  
Com dedicatória: “Para Malamud com a  
amizade de Portinari 56” “Original para o  
cartão de Boas-festas de 56”.

O Natal em  
Manuel Bandeira  
e Candido Portinari

## Meus Poemas de Natal

Manuel Bandeira



Retrato de Manuel Bandeira – 1936  
Desenho a crayon/papel  
50,5 x 36,5cm (aproximadas)  
Rio de Janeiro, RJ – com dedicatória:  
"Para o Manuel com a admiração e  
amizade do Portinari 936"



Auto-Retrato – 1957  
Desenho a nanquim, bico-de-pena/papel  
25 x 21cm – Rio de Janeiro, RJ.

# O Natal em Manuel Bandeira e Candido Portinari

João Condé pediu-me:

— Bandeira, você quer escrever pra mim a história dos seus poemas de Natal?

— Vou tentar – respondi.

Desobrigo-me da promessa.

Dez foram os poemas que escrevi por ocasião do Natal, seis originais e quatro traduzidos. O mais antigo data de 1913, intitula-se “Natal”, e faz parte de meu primeiro livro, A Cinza das Horas. Escrevi-o em Clavadel, na Suíça, onde estive internado num sanatório, a ver se dava jeito à minha já então velha tuberculose, e parece que dei, pois aqui me tendes alinhavando estas mal traçadas linhas neste calamitoso ano de 1962. (...)

Esses versos, hoje, só podem ter interesse para mim e para a loureidade que os inspirou. O Natal não entra neles senão como pretexto para uma declaração de ternura. Os técnicos de poesia facilmente reconhecerão no ritmo ondulante do alexandrino e no emprego da reticência com valor sugestivo a influência do simbolismo.

Vinte e seis anos depois, em 1939, escrevia eu no Rio, residia na Rua Morais e Vale (o beco do meus poemas), os “Versos de Natal”. Estes foram sermão de encomenda. Encomenda d'O Globo. Rememoram uma das vivências mais caras de minha infância: os chinelinhos postos atrás da porta do meu quarto de dormir, na véspera de Natal, e encontrados no dia seguinte cobertos de presentes ali colocados pela fada, segundo a encantadora mentira dos verdadeiros mimoseadores. (...)

Até hoje gosto bem desses versos. “Mestre do realismo exato e minucioso”, dito de um espelho, me parece bem sacado, desde que, bem entendido, ele não seja daqueles que Mário de Andrade no “Carnaval Carioca” chamou de “espelho mentiroso de mascate”.

Em 1942, a Segunda Grande Guerra ensangüentava o mundo, meu amigo Odylo Costa, filho, casava-se no Piauí com uma menina de dezoito anos, Maria de Nazareth. Fui, por procuração, um dos padrinhos dos nubentes. Mandei-lhes nesta quadra a benção pedida por Odylo:

Vai a benção que pediste.  
Mas a maior benção é  
Ganhar em Natal tão triste  
Maria de Nazareth.

Em 1948 escrevi, a pedido de Villa-Lobos e para ser musicado por ele, o meu primeiro verdadeiramente “CANTO DE NATAL” (...) Os técnicos de poesia terão notado imediatamente o sainete formal do poema: ter eu repetido o primeiro verso nas duas estrofes seguintes, variando de colocação e dando a rima da segunda estrofe.

“Presepe”, o quinto poema, é de 49 e foi incluído em Belo Belo. É um poema amargo, “participante” no sentido de protestar contra as execuções dos regimes totalitários de esquerda. Aquele bicho estranho de que falo no meio do poema. (...) eram os Fidel Castro do tempo, os comunistas russos, executores dos seus camaradas dissidentes.

Já em “Natal sem Sinos”, que é de 1952, outro sermão de encomenda, novamente d'O Globo, volto à inspiração puramente lírica. (...)

Finalmente os quatro poemas traduzidos, o foram a pedido de Ribeiro Couto para o suplemento hispano-americano d'A Manhã, por ele organizado na fase inicial do extinto matutino. Os originais são de Rafael de la Fuente, González Carballo, Víctor Londono e Pablo Rojas Guardia. As minhas traduções figuram no livro Poemas Traduzidos.

Aqui tem você, João Condé, a história pedida. Não torça o nariz, que é cavalo dado!

O Natal permanece surpreendentemente belo e vivo.

Natal é renascimento  
fraternidade.

Ano Novo é oportunidade de refazer  
de mudar  
de construir.

É recomeço, é esperança.

Neste Natal e neste Ano Novo:  
sonhe, ouse, transforme,  
enfrente desafios,  
compartilhe alegrias,  
viva uma vida nova.  
Só depende de você!

Estes são os votos da Superintendência de Bibliotecas Públicas  
a todos os seus funcionários, leitores e amigos.



Coro de Anjos – 1944.  
Desenho a lápis de cor, nanquim e  
bico-de-pena/papel - 19.7 x 15.5cm.  
Petrópolis, RJ - com dedicatória:  
“Para Gerda, Pelo dia de hoje, com a  
amizade de Portinari 10-VI-961”.  
Inscrição: “Estudo Pampulha”

# O Natal em Manuel Bandeira e Candido Portinari



Ficha Técnica

## EXPOSIÇÃO “O NATAL EM MANOEL BANDEIRA E CANDIDO PORTINARI”

Governador do Estado de Minas Gerais  
**Aécio Neves**

Secretária de Estado de Cultura  
**Eleonora Santa Rosa**

Secretário-adjunto de Estado de Cultura  
**Marcelo Braga de Freitas**

Superintendente de Bibliotecas Públicas  
**Maria Augusta da Nóbrega Cesarino**

Diretora da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa  
**Graça Maria Fragoso**

Diretora de Formação e Processamento Técnico de Acervo  
**Maria da Conceição Araújo Bernardes**

Diretora de Extensão e Ação Regionalizada  
**Márcia Caldas de Melo**

Diretora de Ação e Incentivo à Leitura  
**Bernadete Maria Nery**

Presidente da Associação de Amigos da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa – SABE  
**Maria Helena de Sá Barreto**

Produção Executiva e Curadoria  
**Via Social - Projetos Culturais e Sociais**

Programação Visual  
**Edison Vilela**

Realização



Apoio Institucional



Apoio Cultural

